

# Valor

## ECONÔMICO

**Disputa por ativos da GM pode mudar a indústria em escala mundial B6**

**Gucci agora quer expansão com lojas próprias e controle total do negócio no país, diz Danielle B5**



www.valoronline.com.br

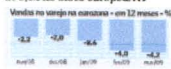
### Destaques

#### Demissões na Microsoft

A Microsoft informou ontem que fez "um pequeno ajuste no quadro de funcionários" no país como parte do esforço global para redução de custos. O corte, inferior a 5% dos 570 empregados, "é consequência do cenário econômico mundial".

#### Crise na Europa

As vendas do varejo na zona do euro diminuíram 0,6% em março em relação ao mês anterior. Na União Europeia como um todo, o indicador recuou 0,3%. Na comparação com março de 2008, as quedas foram de 4,2% na eurozona e de 3,1% no bloco europeu. A9



#### O novo mercado asiático

Pela primeira vez, o mercado brasileiro de alimentos para felinos cresceu mais do que o de cães. Segundo a associação dos fabricantes de rações, a venda de comida para gatos cresceu 1,1% no ano passado, enquanto para cães caiu 1,5%. B4

#### Disputa pela Gimenes

Carrefour e Ricoy disputam a rede de supermercados Gimenes, com sede em Sorocaba (SP), em recuperação judicial e com as lojas fechadas desde dezembro. As propostas deverão ser avaliadas amanhã, durante reunião com credores. B4



#### Mercado de reposição

A Geometra, de São José dos Campos (SP), acaba de fechar o primeiro contrato de exportação de peças de reposição para o trem de pouso do EMB-312 Tucano, da Embraer, da Itaipu Junqueira. A aeronave é utilizada por 15 países, além do Brasil. B9

#### Fundos batem recorde

O setor de fundos de investimento registrou no mês passado a maior captação líquida da história do país, com R\$ 19,928 bilhões. O recorde anterior era de R\$ 16,811 bilhões, em janeiro de 2008. O bom resultado foi puxado pelos fundos de recebíveis (FIDC). D2



#### MP denuncia 'insider trading'

O Ministério Público Federal de São Paulo apressou denúncia contra os executivos da Sadia Luiz Murat e Romano Fontana Filho e também contra Alexandre Pozio (ex-ABN AMRO) por uso de informação privilegiada em negócios com ações da Sadia. B3

#### Resultados da Vale

A Vale registrou lucro líquido de R\$ 3,151 bilhões no primeiro trimestre, queda de 15,7% em relação ao mesmo período do ano passado e 29,1% maior ante o quarto trimestre de 2008. A receita operacional bruta caiu 9,4% em 12 meses, para R\$ 13,179 bilhões. D4

#### Indicadores

Dólar NY (04/05/09)	1,291%	8,61 de abril
Bovespa (04/05/09)	1,64%	86.767,34
Ibovespa (04/05/09)	0,89%	29.154 de abril
IPCA (04/05/09)	1,83%	
Dólar comercial (04/05/09)	92	230.905,110
Dólar turismo (04/05/09)	89	230.902,223
Dólar financeiro (04/05/09)	86	230.902,360
Rio (04/05/09)	86	230.902,240
São Paulo (04/05/09)	86	230.902,240
Juros Selic (04/05/09)	12,25%	
Selic (04/05/09)	12,25%	
Selic efetiva - ao ano (04/05/09)	30,34%	
DI novo - ao ano (04/05/09)	30,34%	
DI futuro - ao ano (04/05/09)	30,34%	
TR (04/05/09)	96,57%	

ISSN 1519-9710  
9 771519 971018 0 2 2 2 2

## Exportador desova dólares e amplia a valorização do real

Cristiane Perini Lucchesi e Alex Ribeiro  
De São Paulo e Brasília

A expectativa de que o dólar continue a perder valor em relação ao real tem levado os exportadores a vender a moeda americana em volumes cada vez maiores no mercado à vista, ampliando o ritmo de valorização do real. O financiamento em reais, no mercado interno, está com custo menor do que as linhas de crédito em dólar, o que ajuda a aumentar o interesse na moeda brasileira, contribuindo para seu fortalecimento. Ontem, o dólar caiu 1,72%, para R\$ 2,111, a menor cotação desde 30 de outubro. Neste ano, a desvalorização é de 9,55%.

Os exportadores têm ingressado no país com mais dólares do que as mercadorias embarcadas. Em abril, esse movimento foi o mais forte do ano: o câmbio contratado

para exportação, de US\$ 13,8 bilhões, superou em US\$ 1,5 bilhão o total embarcado, de US\$ 12,33 bilhões. Os exportadores ingressaram no país com US\$ 4.917 bilhões a mais do que os importadores enviaram para fora, compensando o saldo líquido negativo no segmento financeiro de US\$ 1.467 bilhões. Assim, o fluxo cambial em abril foi positivo em US\$ 1,43 bilhão, o maior valor desde setembro, quando a crise externa atingiu em cheio o país.

Isso não quer dizer que os exportadores estejam tomando mais linhas de crédito à exportação. Pelo contrário. Em abril, o total fechado de Adiantamento de Contrato de Câmbio, o financiamento à exportação em dólar de até 360 dias, foi de US\$ 2,4 bilhões, queda de 26% na comparação com março. Os exportadores têm desovado no mercado interno brasileiro os dólares que vinham guardando

no exterior. Tem crescido também o crédito direto do importador.

"As linhas em dólar estão muito caras", diz José Augusto Durand, diretor de negócios de tesouraria de atacado do Itaú BBA. Segundo ele, mesmo considerando-se as linhas oferecidas pelo Banco Central, tomar dinheiro em reais está hoje mais barato do que qualquer crédito externo. A diferença é de quase 1 ponto percentual para os bancos nas linhas em dólar do BC em relação ao crédito indexado ao dólar no mercado interno.

Também acreditando na valorização do real, o investidor estrangeiro reduz as posições compradas em dólar no mercado futuro em US\$ 4,7 bilhões desde o dia 27, para US\$ 2,474 bilhões, o menor valor desde o dia 10 de setembro, antes da queda do Lehman Brothers desencadear a crise cambial no Brasil. Página C1

## País já está tecnicamente em recessão

Alex Ribeiro, Samantha Maia e Cibelle Bouças  
De Brasília e São Paulo

A produção industrial de março era o número que faltava para o governo concluir que o país entrou em recessão técnica — dois trimestres consecutivos de queda em relação ao período imediatamente anterior. Mas a avaliação, tanto no Ministério da Fazenda quanto no Banco Central, é de que a economia mostrará recuperação a partir do segundo trimestre — opinião compartilhada por economistas do setor privado.

Com os números da produção industrial, que registraram queda de 7,9% no primeiro trimestre em relação ao cálculo do PIB para o ano. A projeção atual, de alta de 2%, deve ser revista para um número mais próximo de 1,2%. Página A3

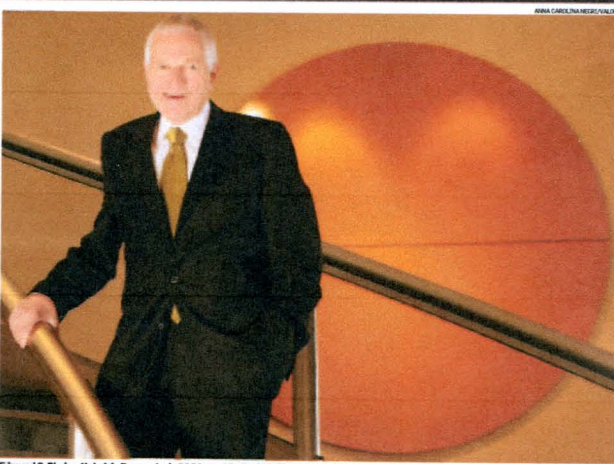
## Phelps quer criar bancos inovadores

Vanessa Adachi  
De São Paulo

Criar uma nova classe de bancos, voltados a financiar investimentos empresariais inovadores — essa é a proposta anticrise do economista americano Edmund S. Phelps, ganhador do Nobel de 2006. Em entrevista ao Valor, ele sugeriu que essas instituições deveriam receber subsídios para cada dólar emprestado.

Phelps apoia o plano de Obama, mas acredita que ele demorou para colocar os bancos "em pé, emprestando". E considera perigoso tentar tornar a economia mais inovadora por meio de iniciativas de agências governamentais, que estão longe da realidade comercial e são politizadas.

Ele diz que o Brasil sairia mais rápido da crise por causa da recuperação das commodities. É, faz uma sugestão: "Não sejam muito duros com o Banco Central", porque na atual situação "é impossível fazer todo mundo feliz". Página A12



Edmund S. Phelps, Nobel de Economia de 2006, em São Paulo: "BC brasileiro é provavelmente um dos que possuem julgamento mais sôfres"

## Argentina tenta manter indústrias

Juanes Rocha e Raquel Landini  
De Buenos Aires e São Paulo

O governo argentino procura compradores para as fábricas de autopeças que, por causa da crise do setor automobilístico, estão deixando o país e redirecionando suas operações para o Brasil. Nas últimas duas semanas, duas multinacionais, a alemã Mahle e a sueca Autoliv, anunciaram o fechamento de fabri-

cas na Argentina e a transferência das atividades para o Brasil, desovando mais de 700 trabalhadores desempregados. Por ordem da presidente Cristina Kirchner, os ministérios da Produção e do Trabalho coordenam a operação para evitar o fechamento das unidades. O objetivo é impedir o desemprego de centenas de pessoas às vésperas das eleições legislativas de 29 de junho. Em São Paulo, o novo presidente da

União Industrial Argentina, Hector Méndez, afirmou que "as crises estão mais politizadas do que se imagina" em seu país e que o caminho para resolver as divergências entre Brasil e Argentina é a conciliação. No cargo há apenas duas semanas, Méndez explicou que a situação está politizada porque as pressões não são apenas econômicas, mas também sociais, já que as pessoas perderam empregos por conta da crise. Páginas A3 e B1

## C&A troca o comando no Brasil

Claudia Facchini e Altamiro Silva  
De São Paulo

A rede de varejo C&A no Brasil, com cerca de 170 lojas, passa a ser dirigida por um dos membros da família Brenninkmeijer, que fundou a companhia em 1841 na Holanda e até hoje faz questão de manter a gestão de todos os seus negócios. Segundo apurou o Valor, Luiz Fazzio, que comandava a empresa desde 2002, foi substituído por Edward Brenninkmeijer, que já representa no Brasil a Cofra, a holding do grupo, com sede na Suíça. A empresa não se manifestou sobre a mudança de comando. Tradicionalmente discretos, os dirigentes da C&A não divulgam seus resultados. Mas, segundo fontes do mercado, as vendas no Brasil foram muito afetadas pela crise, à semelhança dos concorrentes. Página B4

## Ideias

Maria Inês Nassif: o Legislativo mantém-se como uma extensão da cultura patrimonialista. Página A6

Raquel Balarin: cenário do crédito não é tão exuberante quanto parece. Página A2

## País será 'alvo preferencial' do protecionismo

Mauro Zanatta  
De Brasília

Mesmo que sejam competitivos em novos mercados, os produtos agropecuários exportados pelo Brasil tendem a se tornar "alvo preferencial" do protecionismo comercial nos próximos anos. A crise e as negociações para um novo acordo sobre mudanças climáticas devem suscitar barreiras técnicas ao comércio e incentivar medidas discriminatórias. O cenário é traçado pelo advogado americano Scott Andersen, principal estrategista do processo brasileiro contra os subsídios dos EUA ao algodão. Página B12

## JPMorgan e Goldman Sachs passam no teste de estresse

Deborah Solomon, David Erlich e Damian Paletta  
The Wall Street Journal

Os bancos mais saudáveis dos EUA estão começando a se distinguir dos concorrentes mais fracos e saindo lentamente dos braços do governo. Como resultado de dois meses e meio de investigações sobre a situação dos 19 maiores bancos dos EUA, JPMorgan Chase, Goldman Sachs, American Express, Bank of New York Mellon e a seguradora MetLife não serão chamados a levantar capital adicional, de acordo com pessoas a par do assunto. Em contraste, autoridades regulató-

rias disseram ao Bank of America que ele deve adotar providências para preencher uma lacuna de quase US\$ 34 bilhões em seu patrimônio, a maior entre os grandes bancos. O Citigroup precisa de US\$ 5 bilhões, o Wells Fargo, de US\$ 15 bilhões, o Morgan Stanley, US\$ 1,5 bilhão, e a financeira GMAC, US\$ 11,5 bilhões. O Regions Financial e o State Street, dois grandes bancos regionais, também precisam aumentar seu capital.

Os resultados oficiais dos "testes de estresse" saem hoje. Os bancos que o governo considera com necessidade de capital adicional terão duas opções: captar os recursos do setor privado ou voltar a recorrer ao governo. Página C4